

## “Lugar de Mulher é...”: a literatura e a representação do espaço social da mulher

*“Lugar de Mujer es...”: la literatura y la representación del espacio social de la mujer.*

*“Woman's Place is ...”: literature and representation of women's social space.*

**Elem Dayane de Freitas Oliveira**

**Silvia Sueli Santos da Silva**

**Resumo:** O presente trabalho analisa a representação do espaço social da mulher através da obra literária de Eneida de Moraes, apresentando aspectos relevantes da relação entre mulher, literatura e sociedade. Para isso, o método de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica, que tem como base teórica Santos (1997), que apresenta estudos sobre a obra de Eneida; Eneida (1989), produção literária analisada neste artigo; e Maffesoli (2001), que fundamenta os argumentos sobre o imaginário. O recorte temporal dado a este trabalho é o contexto da ditadura Vargas, posto que a crônica analisada se passa nesse contexto. A literatura, nesse sentido, cumpre um papel conscientizador de que a participação das mulheres como hoje vemos é fruto de uma luta incessante que a literatura em tom “poético” permite mostrar.

**Palavras-chave:** Mulher. Literatura. Representação. Espaço Social.

**Resumen:** Este trabajo analiza la representación del espacio social de la mujer a través de la obra literaria de Eneida de Moraes, presentando aspectos relevantes de la relación entre mujer, literatura y sociedad. Para eso, la metodología de investigación utilizada fue la pesquisa bibliográfica que tiene su base teórica em Santos (1997) - que apresenta estudos acerca de la obra de Eneida - Eneida (1989), producción literaria analisada en este artículo, y Maffesoli (2001) que fundamenta los argumentos sobre el imaginario. El recorte temporal dado a ese trabajo es el contexto de la dictadura de Vargas, ya que la crónica aquí estudiada pasa en aquel tiempo. Así, la literatura cumple un papel concenciador de que la participación de las mujeres, como se puede ver hoy día, es resultado de una lucha incesante, que la literatura, en tono poético, puede mostrar.

**Palabras clave:** Mujer. Literatura. Representación. Espacio Social.

**Abstract:** The present work analyzes the representation of the social space of women through the literary work of Eneida de Moraes, presenting relevant aspects of the relationship between woman, literature and society. For this, the research method used was the bibliographical research that has as theoretical basis Santos (1997), which presents studies on the work of Eneida; Eneida (1989), literary production analyzed in this article, and Maffesoli (2001) that bases the arguments on the imaginary. The temporal cut given to this work is the context of the Vargas's dictatorship, since the analyzed chronicle is happening in this context. Literature in this sense fulfills a conscientizing role by warning that the participation of women, as we see today, is the result of an incessant struggle that the literature in a "poetic" tone can show.

**Keywords:** Woman. Literature. Representation. Social Environment.

**Elem Dayane de Freitas Oliveira** – Mestranda na Pós-Graduação em Saberes, Linguagens e Práticas Educacionais na Amazônia/IFPA- Campus Belém; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Pará. E-mail: [elem\\_dayane@hotmail.com](mailto:elem_dayane@hotmail.com)

**Silvia Sueli Santos da Silva** – Doutora em Artes Cênicas, pela Universidade Federal da Bahia (2011), mestra em Artes Cênicas/UFBA (2004); especialista em Arte Educação/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2000); graduada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Pará (1992). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, atuando na área de Letras e Artes. E-mail: [silvia.silva@ifpa.edu.br](mailto:silvia.silva@ifpa.edu.br)

## INTRODUÇÃO

As discussões a respeito do espaço social da mulher na sociedade atual estão cada vez mais abrangentes e crescem a todo momento, posto que vivemos um momento de ascensão de movimentos sociais feministas que colocam em destaque o papel da mulher e os espaços, não apenas físico, mas social que esta “deve” frequentar. Sendo o universo acadêmico propício para tais discussões, vemos que há uma grande produção acadêmica versando sobre o tema nos seus mais diversos recortes e enfoques.

Neste trabalho, será analisada a influência da literatura na construção histórica do espaço social da mulher. Para alcançar este objetivo, fez-se uma análise literária da crônica “Companheiras”, escrita pela autora paraense Eneida de Moraes. Além disso, outras obras de Eneida, como as crônicas jornalísticas “Mulheres de Ontem e de Hoje”, muito ajudaram na escrita deste artigo.

O recorte temporal escolhido para esta pesquisa é, inicialmente, o período da ditadura Vargas, a representação da mulher neste espaço de luta. Alinhando-se às ideias de Michel Maffesoli a respeito do imaginário, este artigo busca apresentar a representação que se constrói a partir dessas “personagens” mulheres que lutam em um espaço social, político e econômico, que não é um espaço em que se aceite livremente a participação de mulheres. Embora o período da ditadura Vargas no Brasil seja o recorte temporal desse artigo, há momentos em que a condição atual da representação feminina se faz presente nesta análise.

Este artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica que tem como base teórica Santos (1997), que apresenta estudos sobre a obra de Eneida; Eneida (1989), produção literária analisada neste artigo; e Maffesoli (2001), que fundamenta os argumentos sobre o imaginário.

O título desta pesquisa é **“Lugar de mulher é...”: a literatura e a representação do espaço social da mulher**. E, com este título, tenho o objetivo de questionar: qual o espaço da mulher na sociedade brasileira? Existe um espaço marcadamente feminino? Nesse contexto, qual o papel da literatura?

No meio acadêmico, há várias pesquisas que tratam o tema mulher, porém, a cada pesquisa, algo de novo se constrói, e é no sentido de contribuir com a produção acerca do tema demarcado que este tema foi escolhido, afim de apresentar a relação entre literatura e representação social da mulher.

### 1. “Eneida sempre livre”

A escolha de uma crônica de Eneida de Moraes traz um significado importante para essa pesquisa: que é a personalidade de Eneida enquanto mulher e militante, que ratifica a forte relação da mulher com a literatura, seja enquanto personagem ou escritora.

Eneida de Moraes nasceu em Belém do Pará, em 23 de outubro de 1904. Foi escritora, uma das que mais se aprofundou em carnaval brasileiro, e jornalista, onde escrevia colunas femininas. Militante política, foi presa por defender seus ideais.

Em seus poemas, Salomão Laredo escreveu “Eneida sempre livre”; esta forma de homenageá-la representa a força e coragem desta mulher paraense que escrevia sobre mulheres e para mulheres. Era livre em ideias e expressava críticas à sociedade através de suas obras, especialmente as crônicas publicadas semanalmente nas colunas dos jornais.

De acordo com Santos (1997), Eneida esteve na fronteira entre literatura e jornalismo, pois combateu e denunciou a realidade à medida que transportava as notícias do dia a dia para o tom literário.

Ela, enquanto jornalista, extraiu da realidade o que lhe interessou enquanto registro do cotidiano e transformou em crônica. Para o tom literário, buscou a essência do estético, aproximando-se do mundo mediante a própria consciência. (SANTOS, 1997. P. 4)

Nesse sentido, as crônicas de Eneida contam histórias reais em linguagem literária, mostrando a literatura como meio de expor abertamente a condição social da mulher nos espaços cuja sua convivência é habitual.

## 2. “LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE!”: afinal, existe um espaço demarcado para a mulher?

O enunciado “lugar de mulher é onde ela quiser” é uma paráfrase de um outro enunciado também conhecido: “lugar de mulher é na cozinha”. Ora, temos dois discursos que apontam para lugares completamente diferentes, mostrando a mulher em dois espaços distintos que apresentam cada um uma organização social diferente: o primeiro marca uma estruturação mais atual, de empoderamento da mulher, que lhe permite transitar por vários espaços; o segundo marca uma visão machista e patriarcalista da sociedade, em que a mulher tem um papel social de mulher-mãe, responsável por cuidar e zelar pela sua família. Este papel social único limita e condiciona a mulher a um espaço social que se encaixe nesse padrão.

Ao tratar do contexto de Ditadura, deve-se levar em conta que este período representou a “perda” da cidadania e de direitos sociais básicos para os cidadãos brasileiros; no que toca a figura da mulher, essa participação nos espaços públicos é ainda mais limitada, posto que, além das arbitrariedades da ditadura, a sociedade brasileira apresenta uma estrutura social extremamente patriarcalista que constrói um imaginário coletivo a respeito da mulher, que reforça a limitação do espaço e função feminina na sociedade. De acordo com Camana (2012), referindo outro período ditatorial:

O governo dos militares era feito por homens e preferencialmente para os homens: quando apareciam as mulheres em documentos e fotos oficiais era como objeto decorativo, mulheres e filhas que apoiavam a figura do patriarca. A sociedade civil ainda mantinha a imagem de mulheres atrelada à maternidade e ao cuidado da casa, mesmo com a segunda onda do feminismo em seu auge. (CAMANA, 2012, p.15)

Assim está demarcado o espaço da mulher, aquela que deve estar em segundo plano, apoiando e reivindicando as ideias do marido enquanto dá conta das funções de cuidar da casa, dos filhos e ainda do esposo. Esta função demarca claramente um espaço que não é físico apenas, mas social. Estas mulheres são a representatividade do “tipo ideal” da época, a mulher “bela, recatada e do lar”. Ao trazermos essa análise para o contexto atual é possível perceber que, embora hajam muitas lutas para romper com esse imaginário coletivo, ainda é muito presente a ideia de que a mulher deve ser “recatada e do lar”.

Em abril de 2016, a idealização de Marcela Temer (casada com o, àquela altura, vice-presidente da república) como “bela, recatada e do lar”, como representação ideal de mulher, causou grande euforia e manifestações, sobretudo nas redes sociais. Marcela Temer é a representação da mulher que “acompanha o marido e aparece como decorativa nas fotos oficiais”. De acordo com

a revista *Veja*, edição de abril de 2016, “a quase primeira dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”.

Como pode-se inferir, apesar da luta por maior visibilidade e participação política e social da mulher, ainda está muito forte no imaginário coletivo a “mulher ideal”. De acordo com Maffesoli (2001), “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. (...) O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc”. Só existe dentro de uma dimensão coletiva, é uma imagem ou um conjunto de imagens que historicamente vai se estabelecendo por meio do imaginário. Essa imagem está gravada na sociedade e é difícil reverter pois é necessário um esforço coletivo para mudá-la. A mudança individual da condição e do espaço social da mulher não vai mudar a representação social desta, posto que, como já foi dito, só existe no imaginário coletivo.

Ainda assim, a literatura de Eneida, especificamente a crônica *Companheiras*, vem no sentido de mostrar e dar visibilidade à mulher em um espaço, embora mostre que escolher estar no espaço político, que é majoritariamente masculino, tem consequências. A crônica “Companheiras” corrobora socialmente no sentido de abrir uma “fresta” na sociedade brasileira e mostrar, à luz da literatura, que, apesar de haver uma limitação do espaço social da mulher, as mulheres estavam presentes na luta pela cidadania no Brasil, mostrando que se deve romper o espaço demarcado e ir além.

### 3. “COMPANHEIRAS”: a representação literária da mulher no espaço político e social.

A crônica *Companheiras* conta a convivência de vinte e cinco mulheres, presas políticas, que de alguma forma expressaram suas ideias contra o governo dos militares<sup>1</sup>. Vinte e cinco mulheres em uma sala onde mal tinham espaço para conviver, compartilhavam informações, liam e cantavam. O lugar era pequeno e, como descreve Eneida, elas faziam todo esforço de mantê-lo limpo dentro das condições possíveis; mesmo assim, os “aparelhos sanitários” exalavam cheiro forte, com o qual elas tinham de conviver.

Pobres mulheres jogadas numa prisão infecta, sem o menor conforto. Maria pensava no seu chuveiro elétrico, Valentina ensinava literatura inglesa (como estudava e Lia Valentina) e queríamos a viva força que Nise desse lições de psicologia. (ENEIDA, 1989. P. 132)

Quem são essas mulheres? De acordo com Eneida, são mulheres que, em sua vida pública, exercem alguma profissão e por isso já formam um grupo que foge ao ideal de mulher que foi apresentado anteriormente; além disso, essas mulheres cruzaram uma linha limítrofe de seu espaço social da casa e do lar e adentraram ao espaço político, marcadamente masculino.

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas voltavam, outras nunca mais vinham. (ENEIDA, 1989. P. 132)

---

<sup>1</sup> É contra o Estado Novo, a ditadura Vargas, em 1937.

A linguagem literária permite uma descrição minuciosa sobre o ambiente, sobre as mulheres que ali estavam, e dá uma dimensão da situação que a sociedade brasileira passava naquele momento. Em outras matérias jornalísticas, como “Mulheres de Ontem e de Hoje”, Eneida enaltece mulheres que eram professoras, escritoras, atrizes e outras que marcaram a história da luta feminina por direitos. De acordo com Marinho (2016):

Eneida, na construção do texto da coluna “Mulheres de Ontem e de Hoje”, fez uso de livros bibliográficos como o “Ensaio Bibliográfico: Mulheres Brasileiras”, editado pelo Ministério da Guerra e lançado em 1938, ao qual faz referência em diversos momentos. É importante destacar que o texto de Eneida é de cunho biográfico e ilustrado com retratos desenhados, de cada uma das mulheres que tiveram episódios de sua vida apresentados semanalmente no *Diário de Notícias*. (MARINHO, 2016. P. 143)

Nessa coluna, Eneida apresenta as mulheres dentro de seu grupo social; por serem publicações de cunho mais bibliográfico, o foco é mostrar exemplos de mulheres destacando sua representação social. Marinho (2016) ressalta:

A estrutura traz elementos “básicos” de um texto bibliográfico, porém a colunista trazia episódios da vida de cada uma das mulheres, destacando a atuação em seus respectivos contextos sociais. Na Coluna sobre Ana Dostoiévski, segunda esposa do romancista russo Dostoiévski, Eneida a apresenta como “*esposa modelo*” que “*soube ajudar e se fazer amar*”, pois após o casamento passou com o esposo, descrito por Ana como “*homem de vida complicada e formação difícil*” por sérios momentos de dificuldade financeira, oriundos de dívidas contraídas em jogo e com o serviço prestado por seus editores. Após viverem momentos de extrema miséria Ana decidiu que seria a própria editora de seu esposo, tomando para si a responsabilidade de assegurar a impressão e reedição de sua obra. Por seu trabalho tornou-se conhecida e respeitada entre seus contemporâneos salvando sua família da eterna miséria. (MARINHO, 2016. P. 144)

Notoriamente, na coluna “Mulheres de Ontem e de Hoje”, Eneida destaca fatos de superação e ação cotidiana que levaram as mulheres descritas a ter um prestígio social e que, certamente, serviam de inspiração para tantas mulheres, leitoras da coluna.

Na crônica *Companheiras*, Eneida não fala da mulher dentro de seu espaço social demarcado, mas exalta a luta de mulheres que resistiram aos desmandos do governo Vargas; mulheres que estão no espaço político e que assumem as “consequências” de suas escolhas, sendo separadas de suas famílias, de seus amigos e tendo que sobreviver à condições sub-humanas para garantir que outros cidadãos, em especial outras mulheres, pudessem ter o direito de se expressar e transitar por todos os espaços, sem limitações.

A chegada de uma nova presa política causa inquietações e curiosidade nas mulheres, precisam descobrir quem é a recém-chegada. Para isso, fazem seu próprio interrogatório, a fim de descobrir a história de mais uma mulher castigada, aprisionada por assumir um posicionamento político.

— Não sabemos quem é você. Mas nós somos antifascistas, nós somos presas políticas. Cada uma de nós tem uma estória; esta veio presa do Norte, aquela está aqui como refém porque o marido sumiu. Somos todas brasileiras. (ENEIDA, 1989. P. 135)

Esta é a revelação central da crônica. Sim, aquelas mulheres eram militantes políticas, estavam ali para serem castigadas por estar num espaço que não é delas, e por expressarem-se contra a ditadura. Há, nesse momento, a representação, a identificação “somos antifascistas, somos todas brasileiras”; a partir disso, o diálogo se faz: “\_Camarada, minha camarada!”

A revelação traz à tona o ideal coletivo, o imaginário que por ora unia aquelas mulheres; não era apenas ideologia, era algo a mais, histórias que se cruzavam e construíam seu próprio modelo ideal de mulher. Sobre essa relação entre ideologia e imaginário, Maffesoli (2001) afirma:

A ideologia, contudo, guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não-racional no olhar ideológico. No fundo do ideológico há sempre uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar. (...) Já o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta claro, um elemento racional ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. (MAFFESOLI, 2001. P. 76,77)

Não há necessidade de maiores explicações, ou de racionalizar a chegada daquela mulher, há apenas a necessidade de identificação, e, por mais que nunca houvessem se visto antes, elas se reconheceram por compartilhar os mesmos ideais, o caráter afetivo do imaginário as torna *companheiras*. Eneida (1989) afirma que “o olhar com que agora envolvia as vinte e cinco mulheres era diferente; queria entender as palavras nas paredes, perguntava, sorria, abraçava todas, chorava e ria”.

Assumir a identidade de mulher na luta política requer muita coragem dessas mulheres, que lutaram por um espaço de participação política e que, por isso, foram aprisionadas e castigadas com crueldade.

A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no auto da escada, amarrada e nua para força-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios. (...) Seu corpo guardava ainda as vergastadas do chicote policial. Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio de ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais. (ENEIDA, 1989. P. 136)

Os castigos físicos normalmente eram direcionados aos órgãos sexuais, a fim de desmoralizar a figura dessas mulheres, seria uma punição não apenas física, mas moral, que deixava essas mulheres desestruturadas emocionalmente; entretanto, essas punições não faziam elas desistirem de lutar, mas aumentava a afinidade, afeto e ligação entre elas. A mulher “novata” pouco depois foi retirada da cela e levada para outro lugar, segundo Eneida, muito pior. Seu nome era “Elisa Soborovsk, a Sabo Berger, mulher de Henry Berger. O governo Vargas entregou-a mais tarde a Gestapo. Hitler matou-a”.

A crônica *Companheiras* é uma recordação de Eneida, de quando esteve presa no Pavilhão dos Primários, onde apresenta devotadamente a luta de vinte cinco mulheres por sobrevivência e, sobretudo, por participação social e política. A literatura, nesse sentido, cumpre um papel conscientizador de que a participação das mulheres como hoje vemos é fruto de uma luta incessante que a literatura em tom “poético” permite mostrar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do recorte dado a este trabalho, foi possível analisar a literatura a partir de uma dimensão social, percebendo que a literatura tem grande relevância ao apresentar de forma tão realística um grupo social, nesse caso as mulheres, mostrando uma riqueza de detalhes que faz transcender o sentido literal da obra.

Dada a proporção e carga social gigantesca da obra de Eneida, foi necessário demarcar apenas uma crônica para análise, posto que essa única crônica permitiu expandir a análise sobre o espaço social da mulher, bem como a participação política e social que este grupo tem em nossa sociedade atual. Assim, pode-se inferir que a crônica, sendo uma literatura jornalística, tem profunda ligação com a sociedade retratada.

Por ser um tema bem abrangente, muitos outros enfoques podem ser dados, muitas outras obras podem ser analisadas afim de corroborar com a construção de um novo imaginário coletivo a respeito da mulher.

Na sociedade brasileira atual, por exemplo, vê-se uma grande luta de mulheres por reconhecimento, direitos e participação igualitária; é necessário olhar para esses movimentos sociais e para a luta dessas mulheres com o mesmo olhar destemido de Eneida, para que, assim, a sociedade crie imagens de mulheres livres e participativas. A literatura, sem dúvidas, carrega grande responsabilidade de registrar e apresentar para a sociedade essa nova imagem da mulher.

## REFERÊNCIAS

CAMANA, Ângela. *A representação da mulher durante a ditadura militar brasileira: Anúncios da revista veja 1969-85*. Porto Alegre, 2012.

MAFFESOLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS, nº15, ago. 2001. Porto Alegre.

MARINHO, Carla Figueiredo. *ENEIDA DE MORAES para mulheres, sobre mulheres, A Mulher 'Dita': Contornos da Imagem do Feminino em Eneida, "a escritora que veio do Pará"*. Belém, 2016.

MORAES, Eneida de. *Aruanda & Banho de Cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

REVISTA VEJA. *Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"*. Disponível em: <<https://Veja.abri.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Visualizado em 13 de janeiro de 2018.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Caos e Cosmos na obra de Eneida de Moraes: um estudo preliminar*. In: *Mulher e Modernidade na Amazônia (Tomo I)*. Org. por ÁLVARES, M. L.; SANTOS, E. F. dos, e D'INCAO, M. A.. Belém GEPEN/ CEJUP, 1997. (p. 3-17)